



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

GEOVÂNIA CAMPOS FAGUNDES

“A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS” E A LEITURA TERAPÊUTICA: UMA
POSSIBILIDADE DE AFIRMAÇÃO DA VIDA EM TEMPOS DIFÍCEIS.

Caetité, BA

2023

GEOVÂNIA CAMPOS FAGUNDES

**“A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS” E A LEITURA TERAPÊUTICA: UMA
POSSIBILIDADE DE AFIRMAÇÃO DA VIDA EM TEMPOS TÃO DIFÍCEIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas do Departamento de Ciências Humanas, Campus VI, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para a finalização do componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso.

Orientador: Prof. Dr. Ginaldo Cardoso de Araújo.

Caetité - BA

2023

Folha de aprovação

GEOVÂNIA CAMPOS FAGUNDES

“A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS” E A LEITURA TERAPÊUTICA: UMA POSSIBILIDADE DE AFIRMAÇÃO DA VIDA EM TEMPOS TÃO DIFÍCEIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas do Departamento de Ciências Humanas, Campus VI, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para a finalização do componente curricular Trabalho de Conclusão de Curso.

Caetité, 11 de julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador Dr. Ginaldo Cardoso de Araújo
UNEB – *Campus VI*

Prof. Esp. Dineuza Neves da Silva
UNEB - *Campus VI*

Prof. Dr. Rayana Thyara de L. R. Ladeia
UNEB - *Campus VI*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, pela oportunidade e por ter me dado força durante todo o curso.

A minha família, meus pais Sebastião e Glauceia, e meu irmão Jesaias. Desde cedo me incentivaram e fizeram de tudo para priorizar os estudos em minha vida, pois não tiveram as mesmas oportunidades que eu tive. Obrigada por serem minha maior inspiração e incentivo, tudo isso é por vocês.

Agradeço a João Vitor pelo companheirismo e por me tirar um pouco da difícil realidade da faculdade, tornando minha caminhada mais leve, obrigada por estar sempre ao meu lado!

Agradeço a irmã que a vida me deu, Flávia Maciely. Obrigada pelo apoio, por estar comigo quando tudo era apenas um sonho distante e por anos de uma sincera amizade que nos rendeu muitas histórias!

Agradeço as amigas que a universidade me deu, Flávia D, Nilma e Alete, vocês fizeram dessa caminhada um caminho menos árduo e, até mesmo um pouco divertido, e apesar de todos os empecilhos, vencemos, juntas.

Agradeço as minhas companhias diárias, Lily e Paçoca, por estarem ao meu lado em cada passo dessa escrita. Vocês alegraram minha vida!

Agradeço ao meu professor orientador Ginaldo Cardoso por todo auxílio, pois nada do que fazemos na vida, fazemos sozinhos e sem ajuda, pois existem pessoas que contribuem para que nossa chegada ao destino ocorra de uma forma mais leve e menos dolorosa.

Por fim, sou grata por todos que participaram e contribuíram de alguma forma para a elaboração deste estudo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 A LEITURA NA FORMAÇÃO DE UM CIDADÃO CRÍTICO.....	10
1.1 LITERATURA E PSICOLOGIA.....	12
1.2 LEITURA TERAPÊUTICA.....	14
1.3 A BIBLIOTERAPIA E SEUS OBJETIVOS.....	16
2. O DESEJO DE LER DA PERSONAGEM LIESEL: A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS.....	20
3. LETRAS QUE CURAM: PROJETOS INSPIRADORES QUE EXPLORAM OS EFEITOS DA LEITURA TERAPÊUTICA.....	26
3.1 A LEITURA NO DESENVOLVIMENTO DA VIDA DA PERSONAGEM LIESEL.....	26
3.2 O PROJETO DA LEITURA QUE RENASCE A FELICIDADE NOS HOSPITAIS.....	30
3.3 A LEITURA QUE É TERAPÊUTICA NOS PRESÍDIOS COMO FORMA DE REINTEGRAÇÃO SOCIAL.....	32
3.4 PROJETOS DE LEITURA QUE TRANSFORMAM VIDAS E CONSTROEM LEITORES.....	34
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40
ANEXO DO PROJETO DE LEI N° 4186/2012.....	43

Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. Manoel de Barros, 2006.

RESUMO

Esta pesquisa possui como temática a leitura como função terapêutica e tem como objetivo analisar as suas contribuições para o desenvolvimento humano, a partir de uma revisão de estudos já publicados, relacionando com a personagem Liesel, do livro *A menina que roubava livros*. Para o desenvolvimento deste estudo foi realizada uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, abordando uma revisão de literatura, bem como suas metodologias, aplicações e benefícios, dialogando com o livro de Markus Zusak. Deste modo, será feita uma relação entre a história contada no livro com os estudos já existentes sobre a temática, buscando contribuir para o avanço dos estudos existentes e ressaltando a importância da leitura em todos os aspectos. Além disso, realizou-se uma busca sobre notícias que abordavam os projetos existentes que desenvolvem a leitura terapêutica em hospitais e presídios, com o intuito de levar alegria e alívio, revertendo as dores dos leitores. Esta pesquisa evidencia como a leitura terapêutica pode ser uma prática de afirmação de vida, considerando que a leitura representa diversas possibilidades de construir visões e reflexões sobre o mundo. A partir deste estudo, foi possível perceber a importância da leitura como método terapêutico, sendo um instrumento de pacificação das emoções na vida dos leitores, proporcionando conhecimento e sustento para os problemas diários, bem como a relevância de estudar sobre a temática pouco conhecida, sendo ela capaz de contribuir de forma efetiva no desenvolvimento da leitura como integradora no processo de cura que envolve mente e corpo.

Palavras-chave: A menina que roubava livros. Biblioterapia. Função terapêutica. Leitura.

INTRODUÇÃO

A leitura como método terapêutico vem desde o Antigo Egito, em que os livros eram considerados como remédios para almas machucadas, e também, foi relacionada a tratamentos médicos na antiguidade grega. No período de grandes conflitos, como na Segunda Guerra Mundial, houve relatos de como a literatura foi utilizada de maneira sistematizada com meio terapêutico, por meio de grupos que surgiram nos Estados Unidos voltados para os soldados. (ALONSO-ARÉVALO *et al.*, 2018; VÉLEZ; PIETRO, 2018). Nesse sentido, é possível destacar o livro que foi utilizado neste *trabalho* “*A menina que roubava livros*” que também foi escrito no período da Segunda Guerra Mundial.

A leitura como função terapêutica consiste na capacidade da literatura de promover a pacificação das emoções. A leitura é um instrumento de formação e transformação dos sujeitos que buscam, por meio dela, a construção de uma nova identidade, representando uma possibilidade de interação social, em que o indivíduo não se comunica diretamente com o livro, mas tem acesso a informações, produz conhecimento e constrói visões sobre o mundo. Em outras palavras, a leitura revela-se enriquecedora, possibilitando um melhor entendimento pessoal, social e cultural. Dessa forma, percebe-se a importância do ato de ler, especialmente em tempos difíceis, buscando-o como um apoio para enfrentar conflitos pessoais.

O pensador Voltaire (2010) escreveu certa vez que a leitura engrandece a alma. O iluminista acreditava que o livro não só agregava conhecimento, mas também era um caminho para a imaginação e acolhimento para os problemas diários. Nesse viés, muitos médicos e psicólogos sugerem a leitura como conforto para alguns sintomas. Essa prática é conhecida como biblioterapia clínica, caracterizada por ter a leitura como método terapêutico, em que é possível promover o melhor desenvolvimento e equilíbrio das emoções, diminuir problemas pessoais e até mesmo aliviar sintomas das pessoas que sofrem com insônia.

Este trabalho realiza estudo sobre este tema, a partir do livro “*A menina que roubava livros*”, de Markus Zusak, sendo um fio condutor para as discussões aqui propostas. Desde o início da sua vida, Liesel carece de ajuda para entender sua existência, pois separou-se da sua mãe para sempre e viu seu irmão falecer, sendo criada por pais adotivos. Assim, a garota começa a roubar livros e logo em sua primeira leitura, nota-se que os livros deram poesia a sua vida. Em tempos difíceis na Segunda Guerra Mundial, ela encontrou alívio em suas leituras e também proporcionou aos companheiros que passaram por sua vida, pois realizava leituras para quem

estivesse sofrendo alguma perda, arrancando sorrisos e causando conforto aos corações sofridos com a guerra.

Esta pesquisa procura apresentar como a leitura terapêutica pode ser uma prática de afirmação de vida, considerando que a prática leitora representa diversas possibilidades de construir visões e reflexões sobre o mundo, tendo como base a seguinte problemática: O que dizem as pesquisas sobre a importância da leitura terapêutica como uma prática de afirmação da vida?

Para o desenvolvimento de uma pesquisa é importante seguir alguns passos para a obtenção dos resultados desejados. Seguindo essa linha de raciocínio, Vieira e Zouain (2005) abordam que a pesquisa qualitativa contém uma importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos sentidos transmitidos por eles. A pesquisa qualitativa objetiva a descrição detalhada dos fenômenos e dos elementos que o envolvem, estudando os aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano.

Dessa forma, existe a motivação pessoal, pois a atividade de ler é importante em meu percurso de formação desde muito nova, pois muito aprendi a ler cedo e a praticava lendo folhetos de rua, me tornando assim uma admiradora incontestável da leitura. Isto é, obtive efeitos da leitura como função terapêutica nos momentos em que me identifiquei com as histórias, reconhecendo nelas os mesmos obstáculos da vida e percebendo que seria possível distanciar-se da problemática em procura de uma solução. Nesse sentido, destacam-se os benefícios que a leitura me possibilitou além da absorção de conhecimento, tais como o estímulo ao raciocínio, desenvolvimento da imaginação, aumento do vocabulário e também para meu emocional, como diminuição dos efeitos negativos das adversidades cotidianas.

Deste modo, ao observar a lacuna existente na exploração da leitura como modo terapêutico, notou-se a viabilidade de realizar uma pesquisa com ênfase no livro “*A menina que roubava livros*” para um relato de momentos em que se viu a leitura como uma pacificadora de sentimentos ruins, mediante a realidade que a personagem vivia.

Nesse sentido, é válido ressaltar que no âmbito social esta pesquisa é importante devido às contribuições que a leitura pode oferecer, tendo em vista que são poucas pesquisas e projetos que buscam ajudar as pessoas por meio da leitura, tendo em mente que o índice de analfabetismo no Brasil é alto, diminuindo as possibilidades terapêuticas que poderiam ser oferecidas ao ter contato com os livros.

Para o desenvolvimento deste estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, por meio da fonte de pesquisa secundária, utilizando o livro “*A menina que roubava*

livros”, artigos e monografias com objetivo de analisar as contribuições terapêuticas da leitura para o desenvolvimento humano, relacionando com a personagem do livro, Liesel, e ressaltando a importância da leitora em todos os aspectos. Em vista disso, foram definidos os seguintes objetivos específicos: 1) realizar um levantamento teórico sobre a leitura como função terapêutica; 2) relacionar a temática com o livro “*A menina que roubava livros*”, de Markus Zusak, com o contexto de vida dos tempos atuais; 3) analisar notícias que divulgam projetos que utilizam a leitura com terapia e os benefícios apresentados ao público atendido.

Este trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro capítulo introduz sobre a leitura e sua contribuição na formação de um cidadão mais crítico, que questiona e possui opinião própria. Em seguida, traz a metodologia aplicada no estudo, e a relação entre leitura e psicologia, entrando no âmbito da leitura terapêutica, a biblioterapia e os seus objetivos, empregando principalmente os autores Grossi (2008), Lajolo (1993) Russell (1964), Caldin (2001) e Marc-Alain Ouaknin (1996). No segundo capítulo foi realizada a análise do livro e sua relação com os efeitos da leitura na vida da personagem. No terceiro, ocorre a análise de notícias de projetos com a leitura que foram divulgadas em sites. As temáticas estão assim divididas: 1) a leitura na vida de Liesel; 2) a leitura que renasce a felicidade nos hospitais; 3) a leitura nos presídios como forma de reintegração social e 3) projetos de leituras que transformam vidas e constroem leitores. Por fim, as considerações finais apreendidas durante o processo de construção dessa pesquisa, de forma a evidenciar de maneira síntese como a leitura pode ser terapêutica, bem como explicar o livro e os projetos que contribuem para o ato de ler ser tão benéfico.

Deste modo, ainda que sejam poucos os estudos feitos em relação à leitura terapêutica, foi possível encontrar estudos ricos em informações, e todos eles evidenciando diferentes métodos para comprovar que a leitura é terapêutica.

1 A LEITURA NA FORMAÇÃO DE UM CIDADÃO CRÍTICO

*As palavras sempre ficam. Lembre-se sempre do poder das palavras. Quem escreve constrói um castelo, e quem lê passa a habitá-lo.
(Silvana Duboc, 2012.)*

Esta seção tem como finalidade abordar sobre o aperfeiçoamento do pensamento crítico através da leitura, para entender como ela acontece, bem como seus benefícios para a socialização do indivíduo na sociedade, visto que, um leitor torna-se mais preparado para se comunicar socialmente e adquire opiniões e pensamentos próprios. Nesse sentido, faz-se necessário compreender o papel do livro na vida de um cidadão leitor.

A leitura é fundamental para a formação plena do ser humano; é um estímulo a ter um senso crítico e apreciação da vida, abrindo diversas janelas ao conhecimento. A pandemia da COVID-19 criou um contexto novo e emergencial no mundo a partir do ano de 2020. O desafio de formar leitores tornou-se ainda mais presente, implicando na organização de planejamentos que objetivam incentivar hábitos de leitura aos alunos. O processo inicial da leitura é feito na construção do saber individualizado de cada pessoa. O ato de ler faz o indivíduo encontrar respostas para seus questionamentos e ter visões divergentes, opiniões próprias sobre o mundo e para o que acontece ao seu redor. Quando uma pessoa lê, ela constrói uma nova perspectiva sobre o assunto lido, desde política, temas acadêmicos ou até assuntos relacionados a entretenimento, como afirma Grossi:

Pessoas que não são leitoras têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato com ideias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade (GROSSI, 2008, p.03).

Como se vê, a autora ressalta o quanto a leitura proporciona prazer ao leitor. A partir disso, inicia-se o despertar sobre a curiosidade de se ler, enfatizando que se inicia em sala de aula, mas é relevante levá-la para uma vida inteira. Participar de uma sociedade como um cidadão ativo, com ideias bem construídas e opiniões são efeitos de uma educação literária.

Dessa maneira, a leitura é importante e necessária para o desenvolvimento de um ser humano mais crítico, preparado intelectualmente para discutir seus ideais.

É importante demonstrar que a ação de ler não é somente para lazer ou uso acadêmico, é também um ótimo instrumento para contextualizar suas próprias experiências com o texto lido, questionar e a avaliar a vida, sob todos os aspectos, é, na verdade, um processo de integração entre ambos. Segundo Koch e Elias (2008), a leitura não é somente ocupar um importante espaço na vida do leitor. Para as autoras, a ação de ler institui-se na relação do sujeito sociável com a linguagem sociocognitiva, o que causa um contato com elementos relevantes do texto. Dessa forma, o leitor é posto em contato direto com as palavras, de modo significativo, notando o sentido que elas emitem. De acordo com Lajolo (1993, p.04): [...] lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mas intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.

Deste modo, a leitura pode ser um método terapêutico capaz de aliviar a ansiedade do leitor, capacitando-o para entender que cada etapa da história, ou da vida, é importante ser vivida, sem inquietação. Assim, ao observar a lacuna existente na exploração da leitura como modo terapêutico, notou-se a viabilidade de realizar uma pesquisa, tendo como mote o livro “*A menina que roubava livros*”, considerando que a discussão sobre a leitura como função terapêutica é recente no âmbito acadêmico brasileiro, sendo poucos os trabalhos nessa área.

Nesse viés, podemos relacionar esta forma de leitura à pandemia devido aos inúmeros conflitos causados, bem como os efeitos dela em toda a sociedade. Sendo assim, a leitura em tempos pandêmicos pode ter gerado uma aprendizagem significativa, pois os leitores aprimoraram suas leituras. Nessa perspectiva, a leitura pode acalmar quem lê, levar o leitor a sair por um momento de sua realidade e viajar por histórias. Dessa forma, em qualquer momento da vida, em tempos difíceis como de isolamento social, ler é uma fonte de prazer e todos estão aptos. Já dizia a frase de Monteiro Lobato “um país se faz com homens e livros”. Portanto, cultivar o hábito da leitura é uma fonte garantida de conhecimento.

De acordo com Britto (2015, p. 67), “a leitura é considerada um ato metacognitivo que possibilita chances de fazer inúmeras coisas, como compreender o mundo, o escrutínio, a intervenção na ordem social, a produção de conhecimento e a realização de autoconhecimento”. Contudo, Britto (2015) destaca que também é possível proporcionar esses elementos sem a

leitura, porque parte do desenvolvimento de humanização acontece através da escrita e o seu êxito completo estaria relacionado ao que o escritor nomeia por leitura desenvolvida e articulada.

Entretanto, a leitura possui valor de produto histórico, assim, esse valor não seria compreendido como inerente ao texto e nem à leitura. Nesse sentido, instigar a leitura seria incentivar uma forma de pertencimento crítico ao mundo, ou seja, um valor.

A percepção individual de um leitor é seu pensamento diante o que lê, sua observação acerca do escrito. Assim, cada leitura tem sua personalidade levada em conta, ou seja, possui suas próprias características, crenças e valores.

Com base no que foi apresentado, faz-se necessário compreender a relação entre literatura e psicologia.

1.1 LITERATURA E PSICOLOGIA

A leitura engrandece a alma. (Voltaire)

A psicologia é objetiva e lógica, sendo oposta à literatura, mesmo possuindo uma relação com verossimilhança. De acordo com Russell (1964, p.551), “psicólogos preferem observações que podem ser replicadas, enquanto o escritor sério lida com analogia, metáfora, e ambiguidade talvez intencional”. Nesse sentido, a psicologia e a literatura possuem o mesmo intuito de entender o desenvolvimento de seus sujeitos reais e personagens fictícios, por meio dos seus problemas, seja na vida real ou em enredos de histórias. Assim, de acordo com Russel, esta é uma qualidade que capacita uma área para poder contribuir com a outra.

Wolfgang Iser (1996) realizou estudos dos efeitos da literatura sobre os leitores, na obra “O Ato da leitura”, publicada em 1976, realizando uma relação entre texto e leitor e mostrando os significados dos textos na vida dos leitores. Iser buscou ver os resultados da interação entre leitor e texto, dando destaque ao sentido que o texto atribui ao leitor e não como uma simples mensagem que necessita ser compreendida. Ou seja, o que Iser quer dizer é que, geralmente, os textos transmitem enunciados que são entendidos pelo leitor, compostos por outros que precisam que o leitor traga um acréscimo ao seu sentido, para algo que não foi exposto de forma clara.

Ao iniciar uma leitura, estamos sujeitos à possibilidade de nossas expectativas serem desapontadas, sendo uma leitura condicionada pela renúncia de sentenças e realizações. Nesse sentido, para Iser é necessário possuir uma conexão com os elementos constitutivos do texto, sendo através do preenchimento dos vazios e brancos de um escrito que o leitor vai atingir uma

melhor compreensão. Segundo Iser (1979), o preenchimento de vazios refere-se ao sentido que captamos do que lemos, nos reconstruindo a partir do encontro com a literatura, para que faça parte da ação de compreender a si mesmo e ao outro de modo mais completo. “À medida que os vazios indicam uma relação potencial, liberam o espaço das posições denotadas pelo texto para os atos de projeção... do leitor. Assim, quando tal relação se realiza, os vazios desaparecem” (ISER, 1979, p. 106).

O diálogo entre a literatura e a psicanálise, sendo um ramo da psicologia, sempre ocorreu, pois, a arte consegue atribuir voz ao interno, da mesma maneira que a psicologia possui uma visão mais profunda. De acordo com Leite (1987), é coerente considerar que por si só, a obra literária é um objeto neutro, indo além do seu valor estético, ou seja, não contém a aptidão em propiciar contentamento ou impacto emocional, mas consegue valores positivos ou negativos devido alguns elementos, especialmente em relação ao leitor. Esclarecendo em outras palavras, depende-se da predisposição do leitor ao ter contato com o livro, pois quando o leitor tem uma disposição maior, seja por questões intelectuais ou algum momento particular de sua vida, desenvolve uma maior relação com o livro, tendo a possibilidade de transformar uma simples leitura em uma interessante experiência e permitir novas interpretações sobre a obra.

A relação entre literatura e psicologia foi marcada, de início, pelas considerações psicanalíticas de Freud em relação à escrita como uma arte poética desde os gregos até Shakespeare e Dostoievski. Assim, essa relação foi se consolidando durante o século XX.

Santos, Santos e Silva (2018) destacam que é particular o vínculo entre leitor e texto, sendo algo pessoal, visto que as obras devem ser vistas mais adiante da precisão de se desvendar alguma mensagem oculta no texto, mas deve se proceder de uma relação que provoque resultados ao leitor. Nesse sentido, por se tratar de uma conversação, é importante o leitor entregar algo de si no texto, o que o levará a uma leitura inédita.

A leitura é uma viagem, por vezes tem um rumo desconhecido, sombrio, entusiasmado e curioso, caminhos estes que se colocam ao leitor durante essa jornada. Às vezes o leitor se perde na imensidão sobre os livros das bibliotecas, e logo mais se encontra em alguma obra. Assim, o leitor por vezes torna-se solitário, pois ao mesmo tempo em que pode se reencontrar, pode se perder, mas também conhecer a si mesmo e o mundo ao seu redor.

França (2014) ressalta que Freud compreendia que um dos maiores benefícios da literatura é proporcionar ao leitor a identificação com a história e os personagens nela presentes, se sentindo representado por possuir as mesmas vontades e angústias. Freud (1996) defende a ideia de ser possível se identificar, reorganizar e mergulhar em um mundo de imaginações sem

fugir da realidade. Assim, isso proporciona um conforto ao perceber que seus erros e acertos são compartilhados, pois grande parte das pessoas possuem conflitos, que por vezes podem ser amenizados através de compartilhamento de histórias.

Larrosa (1998) identifica em Montaigne (2010) a concepção de um leitor que acredita ter domínio sobre a leitura, contudo, é lido por suas próprias obras. Nesse viés, é possível dizer que a leitura nos proporciona perspectivas diversas, seja sobre o ser humano e suas formas, seus fatos vivenciados ou inventados e os guarda em sua memória. Após a leitura de um livro, é possível notarmos a abertura que ele trouxe não somente para com o mundo, mas com os outros, ou seja, a leitura nos afeta de forma expressiva, fornecendo benefícios ao nosso intelecto e pessoal.

O mundo pode ser considerado próximo e distante da literatura, e assim se atribui ao papel de um espaço potencial, pois contém criatividade e experiências na medida em que apresenta novos outros, criando novos mundo e ressignificando os já existentes. (SAMPAIO; BITTENCOURT, 2016). Dessa maneira, é necessário refletir como a literatura/leitura pode ser considerada como um método terapêutico.

1.2 LEITURA TERAPÊUTICA

Ler é a arte de desatar nós cegos.” (GOETHE)

A leitura é considerada terapêutica na medida em que nos causa um alívio em uma noite de insônia, uma fuga para as inconformidades cotidianas; quando possibilita um encontro com um personagem que nos incentiva com possíveis soluções para nossa vida, quando nos traz reflexão, risadas ou lágrimas, todos com um significado.

É importante destacar que a leitura como método para cura não é recente, pois na Idade Média, de acordo com Caldin (2001), os textos considerados divinos eram lidos aos pacientes em momentos cirúrgicos, com o intuito de amenizar a aflição do momento.

Deberti Martins (2011) relata que a leitura possui uma definição terapêutica devido ao fato de ser uma geradora de muitos vínculos, isto é, criar uma relação entre leitor, escritor e ouvinte, podendo ser considerada como uma terapia, em que o terapeuta é o objeto lido. Nesse sentido, a leitura como função terapêutica torna-se um instrumento importante na evolução social quando contribui para um indivíduo abatido, possibilitando um entrosamento com a sociedade, além de amenizar suas dores e conflitos.

De acordo com Ouaknin (1996, p. 97), o ser humano encontra suas forças e motivação no processo narrativo interpretativo da leitura. A leitura proporciona uma interpretação, possibilitando vários sentidos ao texto, sendo uma terapia, devido à ideia de liberdade que provoca no leitor. Assim, a leitura conduz a uma reflexão, ao se encontrar com diversas verdades, em que a cura ocorre ao entrar em outra dimensão, uma nova realidade que permite sair da zona de conflitos que está.

Por isso, o dito e o não dito, a verdade ou a mentira, ou seja, as suposições são construções que levam à reflexão sobre muitas realidades, em que a cura que a leitura oferece caracteriza um novo mundo, uma fuga para a dura realidade.

O processo da leitura como função terapêutica proporciona efeitos diversos na sociedade, como Caldin (2001) destaca. Para ele é uma reação catártica. Em uma busca no Dicionário Médico on-line, encontra-se a conceituação de catarse como “elemento de técnica psicanalítica e psicoterápica que visa à remissão dos sintomas através de exteriorização verbal e emocional dos traumatismos afetivos reprimidos; purgação; evacuação; limpeza”.¹ Nesse sentido, compreende-se que em relação às leituras, as experiências poéticas são em grande parte consideradas catárticas, pois ao realizar a leitura obtemos uma emoção que pode gerar um alívio em nossas tensões, amenizando a intensidade dos conflitos cotidianos.

Farias (1999) informa que a catarse tem como objetivo suprir barreiras no âmbito do psiquismo, pois contém realizações de experiências traumáticas, e no contexto terapêutico pode ocorrer, como descreve o pensamento do filósofo Aristóteles, uma limpeza de alma. Nesse sentido, podemos considerar a leitura como função terapêutica, pois de acordo com Caldin (2001) a catarse pode ser compreendida como uma pacificação das emoções. Desse modo, é possível notar que a leitura de textos literários realiza efeitos catárticos, sendo o ato de ler um modo de usufruir do efeito da catarse como uma relativização da intensidade de nossos problemas, por meio da relação que é possível criar com algum personagem da história, se sentindo representado por ele.

Por esse raciocínio, o resultado da catarse seria uma purificação, em que ocorre o deslocamento das angústias do indivíduo para o personagem. Isto ocasionaria um efeito de eliminação dos sentimentos negativos, possibilitando a perspectiva de outro ângulo, lidando com questões semelhantes às do personagem. Assim, seria possível uma identificação do leitor

¹ Disponível em: https://decs.bvsalud.org/ths/resource/?id=2442&filter=ths_termall&q=catarse.

com o personagem, observando nele suas próprias angústias, sentindo-se menos desconfortável e criando um maior domínio sobre suas emoções.

Caldin (2001, p.39) enfatiza que “a leitura, ao favorecer a introspecção, leva o indivíduo a refletir sobre os seus sentimentos o que é terapêutico, pois sempre desponta a possibilidade de mudança comportamental.” Dessa forma, é notório que no decorrer da leitura, o leitor é instigado por reflexões sobre seus sentimentos, ocasionando um processo terapêutico, pois viabiliza uma possível transformação subjetiva por meio de um autoconhecimento, através de algumas qualidades lógicas, como a inteligência, compreensão cognitiva e emocional para uma evolução pessoal do leitor.

A leitura como terapia foi vista de modo científico em 1949, pela doutora no assunto, Caroline Shrodes, em sua tese nomeada por “Biblioterapia: um estudo teórico e clínico-experimental”. A autora abordou em seu estudo as bases da biblioterapia atual. Contudo, a leitura foi identificada anos antes, de modo que obteve relação com a medicina. Nesse sentido, é importante destacar sobre a biblioterapia, seus métodos e suas contribuições.

1.2 A BIBLIOTERAPIA E SEUS OBJETIVOS

A leitura permite nomear, identificar aquelas experiências, sentimentos e fantasias que por si só não eram identificadas. O escritor empresta as palavras para nomear o que sente, desenvolvê-lo e encontrar um alívio e companhia. (Deberti Martins)

A leitura é inserida em nossas vidas diariamente. Desde cedo, estamos envolvidos quando não somente absorvemos o conhecimento, mas as emoções da história, nos tornando parte dela. Para iniciar nossa discussão, é necessário destacar o significado da palavra Biblioterapia de acordo com o dicionário on-line, sendo esta composta por duas palavras de origem grega: Biblion que representa os materiais bibliográficos (livros) e therapein que significa terapia, tratamento.²

Em outras palavras, a biblioterapia é uma relação entre a leitura e seu efeito terapêutico, ocorrendo em pessoas que estejam em um momento árduo, atuando como suporte. Assim, o ato de ler pode proporcionar uma superação de suas fragilidades quando desenvolvida de modo apropriado e possibilitando ao leitor uma melhor compreensão de sua realidade. De acordo com

² Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/biblioterapia>

Freire (1979, p.16) “quando o homem compreende a sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu Eu e as suas circunstâncias”.

Caldin (2001, p.32) descreve a biblioterapia como uma “terapia por meio de livros”. Contudo, o primeiro a utilizar o termo Biblioterapia em seu artigo “Literacy Clinic” foi Samuel Crothers ano de 1916, que resume a biblioterapia como uma nova ciência e informa alguns de seus efeitos.

Em seus estudos, Pereira (1996) aborda a primeira experiência da biblioterapia, realizada através de médicos norte-americanos no período de 1802 a 1853, relatando o resultado de suas pesquisas que demonstram que um dos métodos com maior índice de eficácia eram as leituras escolhidas individualmente de acordo com a situação de vida e as necessidades pessoais dos pacientes.

A leitura como meio terapêutico começou a ser argumentada com maior intensidade por Caroline Shrodes em 1949 em sua tese nomeada como “Biblioterapia: um estudo teórico e clínico-experimental”. Shrodes foi a primeira estudiosa a conhecer melhor sobre a temática e escrever sobre, mas em seguida vieram diversos conceitos procedentes.

Orsini (1982 apud CALDIN, 2001) evidencia as utilidades da biblioterapia para tratamentos, diagnóstico e cautela com possíveis doenças. Ouaknin (1996, p. 25) conceitua a biblioterapia como:

[...] primariamente uma filosofia existencial e uma filosofia do livro, que sublinha que o homem é um ser dotado de uma relação com o livro. Dessa forma, essa relação com o livro – a leitura – permite ao homem compreender o texto e se compreender. O leitor, ao interpretar, passa a fazer parte do texto interpretado. A interpretação é a junção da explicação objetiva do texto e da sua compreensão subjetiva. A interpretação descobre outro mundo, o mundo do texto, com as variações imaginativas que a literatura opera sobre o real. A biblioterapia, portanto, propõe práticas de leitura que proporcionem a interpretação dos textos.

Assim, Caldin (2001) procura deixar evidente que a biblioterapia não substitui uma psicoterapia. Ela funciona como uma auxiliar, pois não ocorre um encontro entre ouvinte e terapeuta, mas sim uma relação construída através dos efeitos do livro e leitor, ou seja, uma ajuda que procede em um modo melhor de se viver

Na perspectiva de Ouaknin (1996, p.198), “a Biblioterapia é primariamente uma filosofia existencial e uma filosofia do livro”, sendo a pessoa um “ser dotado de uma relação com o livro”. Dessa maneira, esse elo criado proporciona ao leitor uma interpretação e a partir

dela, pode aprender um pouco mais sobre os erros, acertos e oportunidades que a vida oportuniza, e assim, criar sua devida história.

Baihana (2009, p. 67), no entanto, define a biblioterapia:

[...] como sendo um dos recursos terapêuticos através da ressignificação da leitura prazerosa de qualquer texto escolhido selecionado ou mesmo indicado que após a leitura, narrativa ou contada venha resultar numa paz de espírito tamanha amenizando as tensões psicossomáticas do sujeito cognitivo, conseqüentemente proporcionando leveza mental.

Nesse viés, reunindo todas as definições expostas, é possível sintetizar dizendo que a biblioterapia é o hábito de uma leitura conduzida, que possui como objetivo uma autocompreensão e alívio diário. Este método vem sendo desenvolvido e aplicado com mais frequência nos últimos anos, sendo praticada por diversos profissionais. Caldin (2001) apresenta de forma didática, contemplando os conceitos e objetivos da Biblioterapia, seu fundamento filosófico, o método biblioterapêutico, os componentes biblioterapêuticos e as aplicações da Biblioterapia. Com base nos resultados, a autora aponta que leitura terapêutica é uma atividade interdisciplinar, ou seja, pode acontecer em parceria com a Biblioteconomia, a Literatura, a Educação, a Medicina, a Psicologia e a Enfermagem, ampliando maiores possibilidades de leitura. Ela pode ser desenvolvida em ambientes como as prisões, asilos, hospitais, podendo ocorrer por meio de livros e em todas as idades.

Em seu livro, Alves (1982) abordou a Biblioterapia nas prisões, ressaltando a reeducação dos presidiários, fornecendo leitura como fonte de conhecimento e diminuição do stress diário. A autora relacionou a terapia convencional entre trabalho e lazer. Em seu escrito, relatou a parceria de um psicólogo com o bibliotecário, deste modo, foi possível obter resultados satisfatórios no desenvolvimento psicológico dos recentes leitores, considerando que foi capaz de tornar novos leitores e ocasionar um incentivo a continuar desenvolvendo sua vida, tendo em vista que muitos, por estarem isolados do mundo, precisavam de um incentivo, uma dispersão da realidade de um detido.

Ângela Lima (1974, p.200) apresenta em seu livro sobre a biblioterapia algumas contribuições que a leitura pode oferecer, tais como:

- a) possibilidade de se conhecer e sentir experiências em segurança (sem a necessidade de se passar por elas), o que pode ter um efeito compensatório e, além disso, prevenir o indivíduo sobre as possíveis conseqüências de suas ações;
- b) compreensão dos problemas sociais de épocas diferentes, levando à mais fácil adaptação;

- c) superação da uniformidade do ambiente ao qual pertence a pessoa, o que é importante para a diversificação de interesses, criando condições de liberdade de escolha, inclusive profissional;
- d) aumento da autoestima e conseqüente diminuição da timidez, pela superação do sentimento de culpa, de ser diferente e de inferioridade, desde que se possa constatar que os problemas humanos são universais;
- e) clareamento dos problemas difíceis de serem formulados e conscientizados pelo próprio indivíduo, que, entretanto, os reconhece quando colocados por outros de maneira não agressiva e impessoal;
- f) desenvolvimento de atitudes sociais desejáveis e escolha de valores facilitados pela identificação com personagens de livros adequados;
- g) estímulo para a criatividade;
- h) ampliação da possibilidade de comunicação pelo enriquecimento do vocabulário, conhecimento de formas de expressão e aquisição de novas ideias;
- i) facilitação da participação na vida comunitária, sobretudo pela leitura de jornais e revistas da atualidade;
- j) satisfação de necessidades estéticas, intelectuais e emocionais, fazendo decrescer a frustração e ansiedade;
- k) aquisição de conhecimentos necessários ao desempenho de funções tanto na vida diária como profissional;
- l) desenvolvimento da capacidade de crítica, pela obtenção de grande número de informações diversificadas e às vezes contraditórias.

De acordo com Ângela (1974), estes são possíveis benefícios que a leitura pode oferecer, e serão bem aproveitados por aqueles que conseguem suprir os desejos que o motivaram a realizar a leitura do livro. Tendo em vista que, muitos livros que mudam a vida de uns, não exercem tanta eficácia na realidade vivida por outros.

Nesse sentido, o leitor é capaz de adquirir uma abrangência de visão e conhecimento em relação aos pontos de vista alheios, bem como desenvolver sua vida no âmbito pessoal e profissional. Isto é, ao ampliar sua relação com os livros, essa interação pode ocorrer como um ajustamento e crescimento (Shrodes, 1950), assim, os livros podem influenciar a vida do leitor de forma positiva, em caminho ao aperfeiçoamento da leitura.

2 O DESEJO DE LER DA PERSONAGEM LIESEL: A MENINA QUE ROUBAVA LIVROS

A leitura de um bom livro é um diálogo incessante: o livro fala e a alma responde.
(André Maurois)

Esta seção possui como intuito a leitura como uma função terapêutica, também conhecida como biblioterapia, tomando como ponto de partida o relato da menina Liesel, do livro “*A menina que roubava livros*” (2013) do autor australiano Markus Zusak. O romance de Markus Zusak, mundialmente renomado, foi publicado em 2007 no Brasil e, em 2014, foi lançada uma adaptação americana aos cinemas. Markus Zusak é um escritor nascido na Austrália em 1975. Seu pai era austríaco e sua mãe alemã. Eles se mudaram para seu país de origem no ano de 1950, o que fez com que ele escutasse relatos vivenciados por sua família no nazismo e sobre os judeus que também moravam na Austrália.

O escritor fala sobre sua finalidade ao escrever o livro, Zusak (2007, p. 480) afirma:

Eu queria escrever algo muito diferente do que tinha escrito antes. A ideia de um ladrão de livros estava em minha cabeça quando escrevi *I Am the Messenger*, mas não estava pronta para ser escrita. A ideia original ambientava-se no presente, em Sydney, e isso não parecia muito certo. Depois, pensei em escrever sobre as coisas que meus pais tinham visto, ao crescerem na Alemanha nazista e na Áustria, e, quando juntei as duas ideias, a coisa pareceu funcionar, especialmente quando pensei na importância das palavras naquela época, e naquilo em que elas conseguiam levar as pessoas a acreditar, assim como levá-las a fazer.

A história de Liesel conta que desde o início de sua vida, em uma cidade próxima a Munique, Alemanha. Ela precisou de amparo para seguir sua vida, mesmo ainda tão nova. Em uma viagem em que foi abandonada por sua mãe e perdeu seu irmão, Liesel deu início a sua relação com os livros. Durante o enterro de seu irmão, o coveiro deixou seu livro cair, o primeiro de muitos que ela começaria a roubar “O manual do coveiro”. Nessa perspectiva, esses livros proporcionaram sentido à vida de Liesel, em meio a momentos árduos em que vivia, constituídos também pela Segunda Guerra Mundial e o holocausto na Alemanha. Assim, a aventura em roubar os livros trouxe alívio para Liesel e para seus companheiros de vida.

A história narrada no livro conta que em 1939 o pai biológico de Liesel, um comunista, tinha sido levado pelos nazistas e sua mãe deixou Liesel e seu irmão para adoção. Tudo isso ocorreu quando Liesel tinha apenas 9 anos e realizava sua primeira viagem quando perdeu seu irmão caçula.

Ao enfrentar tantas perdas e ser deixada para adoção por sua própria mãe, Liesel enfrentou um longo período de adaptação e se reencontrou ao lado de seu novo pai adotivo, chamado Hans Hubermann, um homem que trabalhava como pintor e dispunha de muita paciência. Dessa forma, ele foi muito eficaz no processo de alfabetização de Liesel Meminger, mesmo com dificuldade, pois não havia terminado os estudos, decide ensinar Liesel, levando em consideração que ela foi alfabetizada de modo informal através do apoio de seu novo pai.

A personagem enfrenta desafios de adaptação a sua nova família, entretanto, Hubermann se empenha em criar um vínculo com a nova integrante da casa. Ele ensina a filha a ler devido ao seu desconforto em sala de aula. Quando Liesel frequenta a escola regular de alunos que ainda estão sendo alfabetizados, ela sofre preconceito por ainda não saber ler e escrever.

Nesse sentido, é importante ressaltar que o processo de alfabetização na escola não pode ser uma obrigação ou transmissão de conhecimentos, mas deve ser realizada com encanto, assim como ocorre com Meminger, tendo em vista que se for aplicada com rigidez ou uma obrigação a ser cumprida, a criança perderá o encanto pelo descobrimento da leitura e do livro. Assim, no processo de alfabetização, não se formará um bom leitor apenas com leituras e na utilização do livro didático em sala de aula (FREITAS, 2012, p. 239). Isto é, faz-se necessário dispor de diferentes textos de mundo, possibilitando que a criança já inicie sua jornada leitora com acesso a uma diversidade da leitura, o tornando um leitor qualificado.

Dessa forma, em seu processo de aprendizagem, a garota fortalece seu afeto por seu novo pai e consegue progresso nos estudos, sendo motivo de orgulho.

(...) ela sentia um orgulho evidente do papel de Hans Hubermann em sua educação. Talvez você não imagine, escreveu, mas não foi tanto a escola que me ajudou a ler. Foi papai. As pessoas acham que ele não é inteligente, e é verdade que ele não lê muito depressa, mas eu não tardaria a saber que as 24 palavras e a escrita tinham salvado sua vida, uma vez. (...) (ZUSAK, 2007, p.59)

Em seu processo de acomodação, Liesel estudava diariamente com seu pai adotivo no porão de sua nova casa, na Alemanha. Por conseguinte, após um período de dedicação, a menina consegue desenvolver sua leitura e escrita aos 10 anos de idade, e assim, o reflexo de suas aprendizagens começa a aparecer e mudar sua vivência. “Da mesma forma que seu encontro com as palavras que lhes [aos leitores] permitiram simbolizar sua experiência, dar um sentido ao que viviam, construir-se.” (PETIT, 2008, p. 78)

Nesse processo de encontrar-se na leitura, a pequena menina percebeu sua forma de escapar de noites de pesadelo.

Na primeira noite com os Hubermann, ela havia escondido seu último vínculo com o irmão - O manual do Coveiro - embaixo do colchão, e vez por outra o tirava de lá e o segurava. Fitando as letras da capa e tocando o texto impresso na parte interna, ela não fazia ideia do que o livro dizia. A questão é que o assunto do livro não tinha mesmo importância. O mais importante era o que ele significava. O significado do livro 1. A última vez que ela vira o irmão. A última vez que ela vira a mãe. (ZUSAK, 2007, p. 39)

Em sua sucessão de leituras, Liesel realiza seu segundo furto de livro cujo nome era “O dar de ombros” que foi retirado de uma fogueira no dia 20 de abril. Neste dia, ocorreu uma queima de livros e jornais considerados proibidos, com o intuito de impedir que fossem lidos, devido a diversas ideias que eles poderiam trazer para a sociedade, ou seja, uma percepção própria e crítica. Entretanto, para Liesel Meminger, queimar livros era insensatez, pois os via como itens de valor e que lhe propiciavam alegria, e nesse dia ela usufruía apenas de seus três únicos livros, um retirado no dia do enterro de seu irmão e outros dois presenteados por seu pai adotivo.

Mas ao furtar seu segundo livro, a menina é vista cometendo o roubo pela Frau Hermann, uma cliente dos serviços da sua mãe adotiva, que era lavadeira e passadeira de roupas. Certo dia, quando auxiliava sua mãe para conseguir entregar as roupas lavadas, Meminger vê a cliente e descobre que havia sido flagrada no dia que pegou seu segundo livro.

Mas Liesel era realmente uma garota de sorte, pois a moça que a viu, era também casada com o prefeito da cidade e conhecida por sua generosidade. Assim, notou seu interesse pela leitura e a convidou para conhecer a biblioteca de sua casa. Liesel, encantada, não pensou em momento algum negar a proposta. Ela teve acesso a todos os livros que sempre desejou e podia lê-los sempre que a visitava.

Nesse processo, Frau Hermann ajudou muito Liesel em seu desenvolvimento intelectual e a presenteou com um caderno, para que a pequena menina pudesse também aperfeiçoar sua escrita.

Mal se conseguia ver a tinta. Havia toda sorte de estilos e letras diferentes nas lombadas dos livros, pretos, vermelhos, cinzentos, de toda cor. Era uma das coisas mais lindas que Liesel Meminger já tinha visto. (...) Em quantos livros tinha tocado? Quantos havia sentido? (ZUSAK, 2007, p. 123).

Em sua nova etapa de maior contato com uma biblioteca, a pequena jovem desenvolve sua leitura através do maior acesso aos livros, adquirindo conhecimento em abundância. Esse

estágio em sua vida concedeu um maior avanço cognitivo e pensamento crítico, a tornando mais madura e próspera à medida em que exercita a leitura.

O leitor integra sua concepção sobre a vida com a visão do outro por meio da leitura feita em uma obra, assim, cria-se um vínculo. A obra “*A menina que roubava livros*” testemunha a necessidade de valorizar um leitor que é crítico, ou seja, possui entendimento, é um indivíduo que irá se adaptar melhor na sociedade, tendo em vista que a sociedade, por vezes, diminui quem não possui esse saber. Dessa forma, ao concluir uma leitura, ela irá contribuir para sua formação leitora, profissional e pessoal.

Diante alguns furtos de livros, Liesel enfrentou um momento de tensão em sua vida. A menina se encontra em uma situação inusitada quando sua família adotiva acolhe um jovem judeu Max Vanderburg e o esconde no porão de sua casa, em consequência de uma dívida de uma guerra anterior de Hans, pai de Liesel.

Liesel Meminger e Max se adaptaram bem, pois possuíam gostos semelhantes, inclusive pela leitura, mas a garota tinha receio, pois ele era retido em segredo, devido a 2º guerra mundial. Para Meminger, ter convívio com o judeu foi crucial para sua evolução, especialmente para entender melhor os conflitos políticos da época. A partir dessa compreensão de Liesel, ela adquire um sentimento de inconformidade mediante a situação do jovem se sujeitar a manter-se preso em um porão e não possuir liberdade política.

O elo entre os dois novos amigos tornou-se ainda mais vívido no aniversário de Liesel quando Max, dedica-se totalmente à escrita de um livro nomeado “O vigiador” para presentear-lá. Nesse viés, percebe-se a leitura como um abrigo para os dois, um acolhimento diante os conflitos que vivenciavam, juntavam-se e realizavam suas leituras conjuntas, sendo um momento terapêutico para eles.

Cada vez mais, Liesel fechava os olhos e pedia a Max que lhe fizesse perguntas sobre as palavras que ela errava continuamente, e xingava quando estas ainda lhe escapavam. Depois, punha-se de pé e pintava essas palavras na parede, em qualquer lugar, até nove vezes. [...] (ZUSAK, 2007, p. 223)

Mediante o afeto criado pela amizade e gostos em comum, Max escreveu um livro à mão para Liesel. O escrito refere-se sobre a vida de Meminger e seus furtos de livros, o nomeado como “A sacudidora de palavras”. Na história, a pequena é protagonista e culpada por despertar as pessoas por meio de palavras agradáveis, já o vilão da história realizava o oposto, usufruindo das palavras para fins negativos. Assim, buscava-se através dessa história mostrar

como as palavras podem ser usadas para causar virtudes ou danos, Liesel, possuía como característica o reconhecimento pelo poder das palavras.

[...] As pessoas que trepavam nas árvores eram chamadas de sacudidoras de palavras. Os melhores sacudidores de palavras eram os que compreendiam o verdadeiro poder delas. Eram os que conseguiam subir mais alto. Um desses sacudidores era uma menininha magricela. Ela era conhecida como a melhor sacudidora de palavras de sua região, porque sabia o quanto uma pessoa podia ficar impotente sem as palavras [...] [...] por isso, ela se mostrava capaz de subir mais alto que qualquer outra pessoa. Desejava as palavras. Tinha fome de palavras. (ZUSAK, 2013, p 387).

Diante dessa nova realidade, a família de Liesel passa por dificuldades e não possuem alimentos em quantidade suficiente para abrigar Max, dessa forma, o jovem adulto fica doente e Liesel dedica o máximo de tempo que possui ao lado do seu amigo, realizando leituras com o intuito de distraí-lo.

[...] Liesel pôs o carregador de Sonho embaixo do casaco e começou a lê-lo no minuto em que voltou para casa. Na cadeira de madeira junto à cama abriu o livro e murmurou: -este é novo, Max. Só para você. -e começou a ler. [...] Ela oferecia “O carregador de Sonhos” a Max como se as simples palavras pudessem alimentá-lo. (ZUSAK, 2013, p.289-290).

Max se recupera, mas escolhe ir embora para não ser encontrado na casa da família Hubermann e prejudicá-los. Antes de seguir, ele aconselha a roubadora de livros a manter sua dedicação na leitura e escrita, e escrever suas próprias histórias. Liesel sente falta do amigo, mas escolhe seguir seu conselho e começa a escrever.

Nesse sentido, pode-se compreender que o livro proporciona uma reflexão sobre a persistência de uma jovem criança, que mesmo diante as adversidades se adapta às leituras e se encontra nelas como meio de amenizar as dores. Liesel vivia carregando um grande peso, um fardo grande para alguém de sua idade, mas tudo que possuía eram palavras, e ela fazia bom uso delas. Nesse cenário, cada pessoa tinha seu refúgio, uns bebiam, enrolavam cigarros, discutiam com os outros, e outros roubavam livros.

Em relação *a menina que roubava livros* no cenário da Segunda Guerra Mundial, faz-se necessário ressaltar que a história se refere à uma ficção narrada de modo inusitado pela morte, trazendo ao leitor reflexões sobre este contexto histórico. A história acontece em um cenário histórico marcado pela Segunda Guerra Mundial, a qual abrange os anos de 1939 a 1943 no período de nazismo, liderado por Adolf Hitler. No início da história, a mãe de Liesel Meminger é perseguida por ser comunista, e leva seus filhos para adoção no subúrbio da Alemanha, para a família dos Hubermann. Nesse processo, o irmão mais novo de Liesel falece. Com o desenvolver da história, a menina encontra-se inconformada pelo sistema nazista da

época, pois, apesar da pouca idade, ao desenvolver sua capacidade leitora, ela consegue compreender melhor a situação crítica do país.

— Minha mãe é comunista? - indagou. Olhando fixo. Para a frente.
— Estavam sempre perguntando coisas a ela, antes de eu vir para cá. (...) —
Não faço ideia... nunca a conheci.
— O Führer levou ela embora?
(...) — Acho que ele pode tê-la levado, sim.
— Eu sabia
As palavras foram jogadas nos degraus e Liesel sentiu a lama de raiva quanto que se agitava em sua barriga.
— Odeio o Führer - disse. — Odeio ele. (ZUSAK, 2013, p. 106)

Nesse período, era utilizado o nome “Führer” para referir-se ao líder da Alemanha nazista, Adolf Hitler.

A roubadora de livros realizou um furto em uma fogueira feita pelos nazistas com o intuito de conter as manifestações dos judeus e poloneses, através de queimadas nas obras literárias sobre diversos assuntos. Mas tais atos não foram suficientes para conter a pequena leitora, uma vez que, através de suas leituras, ela compreende a competência que as palavras possuem especialmente em um período de guerra que vivenciava.

3 LETRAS QUE CURAM: PROJETOS INSPIRADORES QUE EXPLORAM OS EFEITOS DA LEITURA TERAPÊUTICA

Este capítulo tem como objetivo discorrer sobre os efeitos da leitura na obra ficcional “*A menina que roubava livros*” e analisar fragmentos do texto a fim de dialogar sobre a temática, relacionando com citações e estudiosos da área em questão. Além disso, tem como intuito abordar sobre leitura terapêutica em alguns ambientes, como em hospitais e presídios, destacando os projetos existentes que trabalham esse método com a leitura.

Assim, o capítulo apresenta uma análise de vivências terapêuticas da personagem Liesel com o livro, criando uma relação com projetos existentes divulgados em sites, que possuem o interesse em divulgar os benefícios de iniciativas como estas. Nesse viés, é importante compreender que a história fictícia da personagem leitora proporciona uma reflexão acerca dos possíveis benefícios da leitura terapêutica.

3.1 A LEITURA NO DESENVOLVIMENTO DA VIDA DA PERSONAGEM LIESEL

A personagem Liesel Meminger, desde os 8 anos de idade, dedicou todas as suas forças à leitura. Mesmo diante de uma realidade deplorável, de carência, necessidade e guerra. Nesse sentido, é válido destacar que no decorrer de sua vida, ela não se beneficiou sozinha dos métodos terapêuticos da leitura, Liesel também realizava leituras para com quem ela vivia.

No perpassar da história, o pai de Liesel sai para cumprir as ordens ao ser convocado para a guerra. A família é obrigada a aprender a conviver sem Hans Hubermann. Liesel promete ao seu pai que irá continuar realizando leituras para amenizar os sentimentos negativos durante o conflito para as pessoas que estavam escondidas no porão.

No decorrer da história, Meminger, seu amigo Rudy, sua mãe adotiva Rosa e alguns amigos da vizinhança estão em um abrigo para que não fossem afetados pelas bombas que estavam se tornando frequentes no cenário da Segunda Guerra Mundial. Todos são aconselhados a levar objetos que tenham consideração ou zelo, Liesel não precisou pensar muito no que levaria, apenas separou seus livros e os carregou.

Nesse momento de medo e angústia, a pequena leitora começa a narrar uma história, com o objetivo de acalmar todos que estão ali. Durante a leitura, as pessoas presentes se sentem acolhidas e aprovam a atitude de Liesel, que atinge seu objetivo em conseguir acalmá-los e distraí-los.

Liesel abriu um de seus livros e começou a ler, falou em voz alta, para ajudar sua própria concentração. O parágrafo inicial entorpeceu-se em seus ouvidos. Hans Hubermann aproximou-se e convocou a todos, e em pouco tempo uma quietude começou a escoar pelo porão apinhado. Na página três, todos estavam calados, menos Liesel. A menina não se atreveu a levantar os olhos, mas sentiu os olhares assustados prenderem-se a ela, enquanto ia puxando as palavras e exalando as. Uma voz tocava as notas dentro dela. [...] Durante pelo menos vinte minutos foi entregando a história. As crianças pequenas se acalmaram com a sua voz. (ZUSAK, 2013, p. 332)

Para Pastore-lo (2010), a leitura em voz alta traz duas circunstâncias: uma evocativa, em relação ao texto, e outra invocação, em relação ao outro. De acordo com a autora:

aquele que lê em voz alta está evidentemente na relação com o texto, mas também, endereça sua leitura ao outro, que o escuta. O leitor empenha seu corpo na produção do sentido do texto e na oferta ao outro. Quem escuta está também em posição de leitura, na relação com o texto, mas também na relação com o leitor. (p. 69)

O leitor avalia de alguma maneira a compreensão do autor, gerando um posicionamento assertivo ou refutativo, ou seja, promovendo a criticidade. Há uma interação entre leitor e escritor na construção do sentido do enunciado da obra. Nesse sentido, “ver e compreender o autor de uma obra significa ver e compreender outra consciência, a consciência do outro e seu mundo, isto é, outro sujeito.” (BAKHTIN,2011, p.316)

Como a leitura havia interagido com Liesel de modo que trouxe a ela sentimentos bons, a menina buscava propiciar as mesmas reações aos seus companheiros de refúgio durante a guerra. A garota realizava as leituras com tanta dedicação e afeto que se tornou o grande destaque do porão. A cada capítulo lido, os ouvintes ficavam cada vez mais intrigados. A história contada era “O assobiador” e a cada ruído exalado pela guerra, os vizinhos almejavam esse momento de interação com o livro.

A pequena Meminger procurava beneficiar as pessoas através dos livros, do mesmo modo que a leitura a beneficiou. Nesse sentido, o romance *A menina que roubava livros* causa uma transformação na vida da leitora. A história se refere a constantes mudanças, entre elas, a maior evidência é a leitura alcançar os personagens próximos à protagonista. Dessa forma, Liesel é a principal figura de destaque do livro, pois utiliza as palavras e os livros por acreditar em seus benefícios e admitir que a leitura é um alicerce na educação e na constituição plena do ser humano.

Quando viesse a escrever sua história, ela se perguntaria exatamente quando os livros e as palavras haviam começado a significar não apenas alguma coisa, mas tudo. Teria sido ao pôr os olhos pela primeira vez na sala com estantes e mais estantes deles? Ou quando Max Vanderburg chegara à rua Himmel, carregando as mãos cheias de sofrimento e o Mein Kampf de Hitler? Teria

sido durante a leitura nos abrigos? Na última parada em Dachau? Teria sido A Sacudidora de Palavras? Talvez nunca houvesse uma resposta exata sobre onde e quando isso havia ocorrido. Seja como for estou me adiantando (...) (ZUSAK, 2013, p 31)

Os efeitos da leitura foram tão intensos que a protagonista não soube em que momento se encontrou tão próxima dos livros. Nesse viés, é perceptível a relação com a leitura como método terapêutico, tendo em vista que ela oferece um acolhimento, permitindo que quem lê e quem ouve, encontrem conexões através da literatura.

Conforme exposto anteriormente, Meminger ganha um livro da esposa do prefeito da cidade, a pequena fica empolgada com o presente que decide escrever a sua própria história. “Usando uma lata pequena de tinta como assento e uma grande como mesa, Liesel pôs o lápis na primeira página. No centro, escreveu o seguinte: *A menina que roubava livros/ uma pequena história de Liesel Meminger*” (ZUSAK, 2007, p. 455). Dessa forma, é interessante destacar que no Egito antigo, os gregos valorizavam os livros e os compreendia como métodos terapêuticos, ou melhor, remédios para a alma. Eles associaram os livros como forma de tratamento médico e espiritual, nomeando suas bibliotecas como “a medicina da alma” (MARCINKO, 1989).

Em seu processo de escrita, Liesel narra todos os acontecimentos vividos, desde sua fase infantil na viagem de trem para ser adotada pela nova família na Alemanha. A nova escritora escreve também sobre sua família biológica, suas lembranças e todos que de alguma maneira foram especiais em sua vida.

No bombardeio seguinte, em 2 de outubro, ela havia terminado. Restavam apenas algumas dúzias de páginas em branco, e a roubadora de livros já começava a reler o que tinha escrito. O livro era dividido em dez partes, todas as quais haviam recebido títulos de livros ou histórias e descreviam o modo como cada um havia afetado sua vida. (ZUSAK, 2007, p. 458)

É válido ressaltar que em seu escrito, Meminger relata os efeitos de cada leitura feita em sua vida, ou seja, os efeitos e benefícios que cada livro a proporciona diante os piores momentos de sua vida. Liesel escreve sobre sua dificuldade no processo de alfabetização e das pessoas que a ajudaram. Ao final da sua obra, ela enfatiza o poder que as palavras trouxeram a sua vida, e como ela a transformou, demonstrando certa gratidão a cada leitura realizada.

A menina que roubava livros
- Última linha
Odiei as palavras e as amei,
e espero tê-las usado direito. (ZUSAK, 2007, p. 459.)

De forma resumida, o livro traz sobre o poder que as palavras possuem quando utilizadas da maneira correta. A história narra o grande achado que Liesel encontrou em sua vida ao

descobrir que através da leitura ela teria um refúgio para seus conflitos internos e também externos, perante o período nazista.

A *menina que roubava livros* apresenta o lado perigoso de saber ler e possuir criticidade em um período de guerras, pois as palavras ampliam ideias. O personagem Max, amigo de Liesel, sugere que o ditador Hitler utilizou as palavras para governar as pessoas e o país, destacando as queimas de livros que eram realizadas nesse período conflituoso, buscando distanciar as pessoas do conhecimento.

A realidade que a pequena leitora vivia fez com que ela roubasse para ter acesso aos livros, pois se não fizesse isso, não teria livros, devido a sua família passar dificuldades financeiras. Desse modo, os acessos aos livros tornaram Liesel mais preparada para a realidade da época, pois lhe proporcionou uma visão política que antes, sem os livros, não conhecia. Sendo assim, foi possível conhecer não só a literatura, mas também o mundo.

Arrancou uma página do livro e a rasgou no meio.

Depois, um capítulo.

Em pouco tempo, não restava nada senão tiras de palavras, derramadas feito lixo entre suas pernas e em toda sua volta. As palavras.

Por que tinham que existir? Sem elas, não haveria nada disso. Sem as palavras, o Führer não era nada. Não haveria prisioneiros claudicantes, nem necessidade de consolo ou de truques mundanos para fazer com que nos sentíssemos melhor.

De que adiantavam as palavras?

Dessa vez ela o disse em voz alta, para a sala iluminada de laranja.

- De que servem as palavras? (ZUSAK, 2007, p. 452-453)

É de grande importância destacar esta citação devido à evolução de Liesel Meminger, desde quando chegou à casa de sua família adotiva, após perder seu irmão e ser abandonada por sua mãe biológica. Nesse fragmento, percebe-se que Meminger entende o poder das palavras, visto que as mesmas palavras que a fizeram crescer e serviram como um método terapêutico durante a guerra, foi também um dos motivos existentes da Segunda Guerra Mundial. Em vista disso, Liesel adquire um pensamento mais claro sobre a vida, deixando a concepção infantil para trás.

A pequena leitora não tinha o intuito de aprender a ler para ser o destaque de sua turma na escola ou para impressionar alguém, mas para se incluir no mundo das palavras e utilizá-las como um refúgio, bem como para compreender os difíceis conflitos que presenciava na Alemanha.

SHRODES 1949 define a biblioterapia como um meio da psicoterapia; um auxílio no tratamento por meio da leitura, ou seja, a procura pelo conhecimento de si próprio e do outro, consistindo em um melhor entendimento e ajustamento da vida.

Nessa perspectiva, Liesel viveu uma vida de adversidades, mas conseguiu absorver o máximo dos livros e torná-los aliados mesmo com dificuldades, e assim obteve melhor compreensão do mundo ao seu redor. Ela também conseguiu usufruir como terapia para com quem ela vivia, mostrando que há benefícios na leitura. Meminger consegue se tornar uma escritora, mas vive pouco tempo ao lado de seus pais adotivos Hans e Rosa Hubermamm tendo em vista que acontece um bombardeio na rua em que viviam, e a pequena menina é a única que resiste.

Dessa forma, pode-se compreender que os livros foram fundamentais na vida de Liesel, ela enxerga os livros como uma fuga da realidade, e assim, os escritos transformaram a vida da pequena menina. A leitura a possibilitou conhecer a si mesma, além de ser um conforto durante a guerra, como meio de desvencilhar-se dos embates da Segunda Guerra Mundial.

3.2 O PROJETO DA LEITURA QUE RENASCE A FELICIDADE NOS HOSPITAIS

A leitura de um bom livro é um diálogo incessante em que o livro fala e a alma responde. (André Maurois)

A leitura é terapêutica quando utilizada como método que auxilia o bem estar do indivíduo, bem como o seu desenvolvimento pessoal. Esses procedimentos têm o intuito de amenizar conflitos internos, ansiedade, aliviar estresse e traumas.

Nessa perspectiva, para compreender melhor a leitura como método terapêutico, é preciso conhecer projetos existentes e seus resultados. Dessa forma, é necessário relatar as notícias sobre a leitura terapêutica divulgadas nas mídias digitais, destacando os projetos que dão visibilidade à relevância do ato de ler.

Nas mídias digitais, o site (SESA – Secretaria de Estado da Saúde do Espírito Santo) destacou o projeto que afirma “Hospital Estadual Central ganha novo carrinho de leitura com ainda mais obras!” Aborda sobre o carrinho de leitura do Hospital Estadual Central – Benício Tavares Pereira (HEC), em Vitória. O projeto é desenvolvido em vários hospitais do Brasil e atua como uma biblioteca itinerante que leva livros em uma espécie de carrinho nos corredores, procurando incentivar os pacientes a se tornarem leitores, bem como entretê-los. Os livros são

disponibilizados não somente para os pacientes, mas também para os funcionários e acompanhantes.

O site informa que a instituição realizou uma parceria com o projeto “Dose de leitura” do escritor Laé de Souza e, assim, o autor ofertou novos livros de sua autoria ao hospital, criando a possibilidade da criação de um novo carrinho. O projeto buscou pensar em todos os pacientes, inclusive naqueles que ficam um curto período no hospital, pensando nisso, os livros disponibilizados são de crônicas curtas, de humor e sátira. Nesse sentido, mesmo que ficando pouco tempo na instituição, terão tempo de realizar alguma leitura. Os livros são emprestados e o carrinho passa todas as quintas e sextas pela manhã.

Figura 1 – Projeto carrinho da leitura



Fonte disponível em: <<https://saude.es.gov.br/Not%C3%ADcia/hospital-estadual-central-ganha-novo-carrinho-de-leitura-com-ainda-mais-obras>>. Acesso em 12 de maio de 2023.

A coordenadora do serviço social da unidade, Karina Albino, diz que a leitura ameniza o processo de hospitalização, tendo em vista que é um momento delicado. Para ela, "o ato de ler e elaborar ideias a partir da leitura cria oportunidades e aproxima pessoas. É muito

importante a inserção dessa prática aqui no HEC, visto que a biblioterapia nos hospitais tornou-se um meio de acalmar os pacientes e minimizar o nível de estresse no ambiente hospitalar”.³

Ribeiro (2006, p. 114) destaca que

[...] a prática biblioterapêutica ajuda [...] a superar o medo, a angústia, a tristeza e a ansiedade que acompanham uma doença, contribuindo para a promoção do bem-estar e auxiliando a implementação do tratamento, a prevenção dos males e minimizando os problemas pessoais. Colabora no desenvolvimento emocional e na mudança de comportamento, provocado pela retomada do cuidado com o paciente, de se importar com o outro, de se colocar no lugar do outro.

É importante apontar sobre a Associação das Bibliotecas de Instituições e Hospitais dos Estados Unidos (MOOD; LIMPER, 1973), que define a leitura terapêutica o ato de usufruir dos livros como coadjuvante terapêutico na medicina e psiquiatria como um método auxiliar na resolução de problemas pessoas através da leitura e promovendo sua recuperação.

Matos e Mugiatti (2006, p. 127) relatam alguns projetos de Literatura Infantil que são realizados nos hospitais com o intuito de amenizar o tratamento das crianças. O “Projeto Literatura Infantil”, criado em 1944, após notarem a dura realidade vivenciada pelas crianças que ficavam um grande período nos leitos. Os projetos buscam criar episódios de leitura que diminuam os momentos dolorosos e sirvam como uma colaboração no processo hospitalar.

Alguns dos projetos desenvolvidos no país são: “Contadores de Histórias” em Brasília-DF; “Leitura no Hospital” em Londrina-PR; “Estação da Leitura” em Crateús – CE; “Ler, um bem para todos” em Mato Grosso na cidade de Rondonópolis, “Ler é Preciso” em Garanhuns – PE, todos estes programas possuem o mesmo objetivo em comum, que é amenizar o ambiente hospitalar através da leitura terapêutica.

3.3 A LEITURA QUE É TERAPÊUTICA NOS PRESÍDIOS COMO FORMA DE REINTEGRAÇÃO SOCIAL

A leitura como função terapêutica procura criar um ambiente seguro entre leitor e livro, para que seja possível identificar-se com os personagens, explorar suas emoções e refletir sobre suas ações, buscando encontrar um modo de solucionar esses conflitos internos. Nesse sentido,

³Disponível em: <https://saude.es.gov.br/Not%C3%ADcia/hospital-estadual-central-ganha-novo-carrinho-de-leitura-com-ainda-mais-obras>

existem projetos que buscam utilizar a leitura como método terapêutico em presídios, empenhando-se na reintegração social destes indivíduos.

O site “Notícias do Acre” realizou uma postagem em 4 de novembro de 2022 intitulada “Projeto presídios leitores incentiva reintegração social da pessoa presa em cruzeiro do sul”. A publicação divulga a criação da biblioteca Unidade Penitenciária Feminina Guimarães Lima, de Cruzeiro do Sul, do governo do Acre, que realiza essa ação com o intuito da remissão de pena e ressocialização do apenado.

O evento teve a presença dos representantes do governo do Estado, do poder judiciário e membros do instituto Federal do Acre. O projeto é nomeado como “Presídios leitores” que tem como slogan a frase “A liberdade passa pela leitura”.

Figura 2 – Projeto Presídios Leitores



Fonte disponível em: <[Projeto Presídios Leitores incentiva reintegração social da pessoa presa em Cruzeiro do Sul - Notícias do Acre \(agencia.ac.gov.br\)](https://www.agencia.ac.gov.br/noticias/projeto-presidios-leitores-incentiva-reintegracao-social-da-pessoa-presa-em-cruzeiro-do-sul)>. Acesso em 15 de maio de 2023.

Glauber Feitoza, presidente do instituto de administração Penitenciária do Acre e da Polícia Penal, relata que o objetivo do projeto é oferecer a prestação básica aos direitos, destacando a assistência educacional. O presídio leitor surgiu na UFAC [Universidade Federal do Acre], a partir de um grupo de pesquisa, seu maior intuito é combater a ociosidade na vida nos presídios, ou seja, acrescentar conhecimento e tornar futuros leitores, além de proporcionar conhecimento aos presos. O juiz de direito do Tribunal de Justiça do Acre, Flávio Mariano,

afirma: “O projeto tenta contribuir para um processo de humanização no contexto prisional, além de trazer esperança para os apenados”.

Nesse sentido, a leitura terapêutica pode trazer alguns benefícios, como o fortalecimento emocional que diminui atitudes ansiosas e de estresse, bem como a promoção da saúde mental, que pode auxiliar o preso no sentido de compreender suas ações, aprender a lidar com seus erros, medos e dificuldades.

Analisada a partir desse ponto de vista, a Biblioterapia é um método que objetiva oferecer uma mudança na vida do leitor, de acordo com Ouaknin (1996, p. 106), “as histórias lidas são variações propostas à imaginação do leitor para operar uma mudança de direção da trajetória inicial de sua história”, ou seja, a relação com o livro possibilita uma abertura do leitor com o mundo, servindo como um cúmplice na isenção de emoções negativas.

Nesse sentido, o ato de ler se faz importante na vida do preso devido a necessidade da sua reintegração social, tendo em vista que por meio da leitura será possível desenvolver-se no meio social através do estímulo às relações sociais que é instigado quando se lê.

3.4 PROJETOS DE LEITURA QUE TRANSFORMAM VIDAS E CONSTROEM LEITORES

Apesar de a leitura como função terapêutica ser uma temática recente e, conseqüentemente, pouco estudada, existem projetos que acreditam no poder do livro. Nesse sentido, é preciso discorrer sobre tais projetos, com o intuito de compreender como a leitura age na vida de quem o lê.

Existem propostas terapêuticas para todas as idades, em vista disso, o site do G1 traz uma notícia intitulada “Conheça o clube de leitura para idosos sediado em Ribeirão Preto, SP, que é finalista do prêmio Jabuti”. O clube foi iniciado durante a pandemia, devido à baixa taxa de leitura entre pessoas com mais de 60 anos. De acordo com Galeno Amorim, isso acontece devido à falta de estímulo à leitura. Nesse sentido, o presidente do observatório e da leitura destaca a leitura terapêutica no projeto. O programa objetiva difundir o ato de ler por meio de rodas de leitura com idosos, que são orientados durante o processo.

A aposentada Rosângela Santos Oliveira, de 62 anos, faz parte de um dos clubes de leitura e aponta os benefícios da leitura para sua vida. “Foi muito bom para mim, porque eu não

tinha muito o costume de ler e de repente me estimulou muito à leitura. É um momento nosso de interação, de entrega com a leitura”.⁴

Os livros são selecionados de acordo com o perfil e o gosto de cada leitor. Os idosos realizaram uma votação nos livros que mais se identificavam. Nesse viés, Caldin (2001) relata que não é recomendado indicar a mesma obra para todos, pois cada um tem sua realidade. Um livro pode trazer elementos positivos para uma pessoa, mas para outra pode relembrar momentos traumáticos de sua vida.

Para Silva (2005), os objetivos da leitura com fins terapêuticos agem com o intuito de:

[...] favorecer a identificação com as personagens; possibilitar a introjeção e a projeção; conduzir ao riso; aliviar as tensões diárias; diminuir o stress; facilitar a socialização; estimular a criatividade; diminuir a timidez; ajudar no usufruto da experiência vicária; criar um universo independente da vida cotidiana; experimentar sentimentos e emoções em segurança; auxiliar a lidar com sentimentos como a raiva ou a frustração; mostrar que os problemas são universais e é preciso aprender a lidar com eles; facilitar a comunicação; auxiliar na adaptação à vida hospitalar, escolar, prisional, etc.; desenvolver a maturidade; manter a saúde mental; conhecer melhor a si mesmo; entender (e tolerar) as reações dos outros; verbalizar e exteriorizar os problemas; afastar a sensação de isolamento; estimular novos interesses; provocar a liberação dos processos inconscientes; clarificar as dificuldades individuais; aumentar a autoestima. (p.402)

Logo, percebe-se que as palavras possuem diversas vantagens e podem transformar, pois possuem sentido e são significativas na vida de quem lê, pois auxilia as ideias e no desenvolvimento como indivíduo, além da possível identificação com o personagem, aperfeiçoando o conhecimento de si próprio.

O site da Universidade de Tiradentes (UNIT) realizou uma postagem que possui como título “Projeto trocando Histórias estimula a leitura terapêutica” em que apresenta o projeto “Trocando Histórias” para pacientes da clínica de psicologia, visando a leitura como um método terapêutico por meio do incentivo à leitura associada à saúde mental.

O projeto busca trabalhar a leitura terapêutica através de atividades leitoras no intuito de causar emoções e conduzi-las da melhor maneira. “A leitura é um portal para tantas histórias. Por isso, a primeira razão para este projeto foi buscar a integração dos usuários da Clínica de Psicologia da Unit com uma leitura leve e alegre, despertando curiosidades e conhecimentos. O projeto faz uma conexão com a promoção da saúde mental, já que possibilita ao público alvo o conhecimento, interação, reflexão e distração. Destacando que a leitura acalma, estimula o

⁴Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2022/11/23/conheca-o-club-de-leitura-para-idosos-sediado-em-ribeirao-preto-sp-que-e-finalista-do-premio-jabuti.ghtml>

cérebro e desperta o sonho, contribuindo assim, com o processo terapêutico”, evidencia a assistente social da Clínica de Psicologia da Unit, Jacqueline Xavier.

Ouaknin (1996) aborda sobre a leitura

(...) além do prazer do texto, a leitura oferece ao leitor, por identificação, apropriação e projeção, a possibilidade de descobrir uma segurança material e econômica, uma segurança emocional, uma alternativa à realidade, uma catarse dos conflitos e da agressividade, uma segurança espiritual, um sentimento de pertença, a abertura a outras culturas, sentimentos de amor, comprometimento, superação das dificuldades, valores individuais e pessoais. (p.18)

“A nossa ideia original é trazer leveza através da leitura para os pacientes, acompanhantes, funcionários e quem mais se interessar pelo projeto. A leitura permite aos pacientes se conectarem com as histórias e criar uma narrativa própria que pode trazer resultados na terapia”, ressalta a estudante do curso de Serviço Social, Cecilia Ribeiro da Silva Oliveira.

Diante os benefícios da leitura, o programa “Trocando Histórias” procurou utilizar os métodos terapêuticos dessa prática na clínica psicológica, procurando além da colaboração de uma terapia, as vantagens do livro. É válido ressaltar que a leitura não substitui um tratamento psicológico, apenas é utilizada como um acréscimo, uma colaboração para a mente do leitor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, busquei problematizar sobre o que dizem as pesquisas sobre a importância da leitura terapêutica como uma prática de afirmação da vida, tendo como mote o livro *a menina que roubava livros* e projetos que utilizam os métodos terapêuticos da leitura. Assim, no decorrer da escrita foi debatida a relação da personagem Liesel com a leitura terapêutica, ressaltando os benefícios presentes na vida da personagem, principalmente mediante tempos difíceis da Segunda Guerra Mundial. Em seguida, foram destacados os projetos em hospitais e presídios, para a obtenção de resultados na relação entre livro e leitor.

Nesse sentido, o livro apresentou em diversos momentos os efeitos positivos que a leitura desencadeou não somente na vida de Liesel Meminger, mas também para seus amigos, estes que a escutavam realizar leituras durante momentos de bombardeamento. Introduzida na Alemanha nazista com apenas 9 anos, ela anseia pela compreensão das palavras. Mas, a menina não se submetia ao sofrimento, pelo contrário, ela se encontrava cada vez mais nos livros, “*continuava apertando o livro. Continuava desesperadamente agarrada às palavras que lhe tinham salvado a vida*”, (ZUSAK, 2013, p. 433). Dessa maneira, através dos estudos realizados, percebe-se que a leitura terapêutica age como uma transformação social quando o leitor que está em um momento difícil é atingido ao adquirir um alívio de suas angústias e tensões.

Além de viver em situação precária, não tinha todo conhecimento livre e de fácil acesso como gostaria, pois, devido à época, ter sabedoria era perigoso, deste modo, era censurado. A escola formal a qual estudava a intimidava por não saber ler e, assim, ser considerada atrasada em relação aos outros alunos, ao invés de incentivá-la e ensiná-la. Deste modo, mediante tantos obstáculos, o ato de roubar livros, na verdade, se caracteriza como uma fuga ao momento difícil que vivencia, pois, além da guerra, ela também perde seus familiares. Assim, nesse processo, pode-se perceber que a garota aperfeiçoa seu desenvolvimento leitor, intelectual, político e crítico, ou seja, em meio ao transtorno que vive, ainda assim consegue adquirir o melhor conhecimento possível.

Foi possível notar que a leitura nos hospitais age de forma a pacificar os sentimentos ruins dos pacientes e renasce a alegria no ambiente hospitalar. No projeto do carrinho de livros do Hospital Estadual Central, notou-se por meio de relatos de participantes do projeto que os livros amenizam o doloroso processo de hospitalização, permitindo ao leitor se desvincular de sua realidade durante a leitura. Notou-se, também, a leitura como função terapêutica nos

presídios, servindo como um meio de reintegração social, sendo este, por vez, muito importante no processo de reestruturação na vida do detento, como um incentivo a mudança de vida, bem como alívio de ansiedade e sentimentos prejudiciais. Clarice Lispector cita que o artista perfeito é aquele que é capaz de resgatar sua inocência de criança que já está perdida, se libertando das convenções em busca da liberdade (RUFINONI, 2016).

Dessa forma, a leitura terapêutica objetiva ajudar indivíduos na instauração de suas emoções, possibilitando um pensamento reflexivo sobre o problema pelo qual esteja vivenciando. Ainda que não existem evidências que comprovem o método como meio de cura, é fato que a leitura como função terapêutica age a vida do leitor de maneira que o impulsiona a atravessar os momentos difíceis, o ajudando no processo de reestruturação emocional e também social. Este método é importante para toda a comunidade, entretanto, seria necessário que fosse disponibilizado para a maioria da sociedade que não possui condições para tratamentos privados. O projeto de Lei nº 4186/2012, exposto no documento em anexo, foi sugerido pelo político e tecnólogo Sr. Giovani Cherini, que recomenda o uso da biblioterapia nos hospitais públicos, sendo estes contratados, conveniados e que possuam cadastro no Sistema Único de Saúde (SUS), este ainda percorre na Câmara dos Deputados, aguardando aprovação, enquanto isso, o acesso a esse método terapêutico é limitado e, conseqüentemente, menos pessoas conhecem e são beneficiadas com estes projetos.

Portanto, o Trabalho de Conclusão de Curso em questão destaca que a leitura é um meio abundante em conhecimento, bem como um caminho para o encontro consigo mesmo e com o mundo. Ainda que a leitura terapêutica não seja acessível a todos no Brasil, é importante buscar desenvolvê-la e compreender que ler não consiste na leitura de frases e conceitos prontos. Assim, é válido destacar Caldin (2001), “...vale destacar que não é a designação o mais importante na atividade de terapia da leitura, mas, o resultado obtido...”. Isto é, a identificação com o ambiente literário atribui sentido à vida, pois quanto maior a experiência do leitor, mais sábio e fundamentado será sua visão sobre si e sobre o mundo.

REFERÊNCIAS

ALONSO-ARÉVALO, J. et al. La lectura y su relación con la salud y el bienestar de las personas. **Revista Cubana de Información en ciencias de la Salud, La Habana**, v. 29, n. 4, p. 1-12, 2018.

ANUTE, Danna. Projeto Presídios Leitores incentiva reintegração social da pessoa presa em Cruzeiro do Sul. **Notícias do Acre**, Acre, 4 de novembro. de 2022. Disponível em: <<https://agencia.ac.gov.br/projeto-presidios-leitores-incentiva-reintegracao-social-da-pessoa-presa-em-cruzeiro-do-sul/>>. Acesso em: 15 de maio. de 2023.

BAIHANA, Neiva Dulce Suzart Alves. A utilização da biblioterapia no ensino superior como apoio para a auto-ajuda: implementação de projeto junto aos educandos em fase de processo monográfico. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v.7, n. 1, p. 65-79, jul./dez., 2009. Disponível em: Acesso em: 28/02/2023.

BRITTO, **Ao revés do avesso**. São Paulo/SP: Pulo do Gato, 2015.

BRITTO, **Inquietudes e desacordos**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2012.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A leitura como função terapêutica: Biblioterapia**. [S. l.], p. 1-44, 2001.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia**. 2009. Tese (Pós graduação em literatura) - Universidade federal de Santa Catarina, [S. l.], 2009.

DEBERTI MARTINS, Cristina. Leer: un derecho también en el hospital. **Información, Cultura e Sociedad**, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, n.25, dez. 2011. Acesso em 28 out 2022.

FARIAS, Francisco Ramos. **Do olhar à escuta: dois paradigmas clínicos**. Cadernos de Psicologia. v. 10, 1979.

FRANÇA, E. M. **Psicanálise e literatura: Fundação e função**. Remate de Males, Campinas, v. 34, n. 1, p. 263-282, 2014. DOI: <https://doi.org/10.20396/remate.v34i1.8635846>

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 8 ed. São Paulo: Paz e terra, 1979.

FREITAS, Andreza Gonçalves de. A importância da literatura infantil no processo de letramento e alfabetização. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 13 p. 233-251 jul./dez. 2012 Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/1589/1461>>. Acesso em: 8 de maio de 2023.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 131-143. (Edição Standard Brasileira). Obra original publicada em 1908..

GERLIN, Meri Nadia. **Biblioterapia oral**: leituras terapêuticas em espaços de informação, educação e cultura, [S. l.], p. 1-10, 1 ago. 2019.

HOSPITAL Estadual Central ganha novo carrinho de leitura com ainda mais obras. **Secretaria do Estado do Espírito Santo**, Espírito Santo, 30 de agosto. de 2019. Disponível em:

< [SESA - Hospital Estadual Central ganha novo carrinho de leitura com ainda mais obras \(saude.es.gov.br\)](http://saude.es.gov.br)>. Acesso em: 10 de maio. de 2023.

Iser, W. (1996). **O ato da leitura: Uma teoria do efeito estético** (Vols. 1-2). São Paulo, SP: Editora 34. (Original publicado em 1976).

LAJOLO, Marisa. **Do aprender da leitura para a leitura de mundo**. São Paulo: Ática, 1993, p. 7.

LARROSA, J. **La experiencia de la lectura**. Barcelona: Laertes, 1998.

LIMA, Ângela. **Biblioterapia**. UFMG, Belo Horizonte. 1975.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Tradução de Nicolás Niymi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

PASTORELLO, Lucila Maria. **Leitura em voz alta e a apropriação da linguagem escrita pela criança**. Tese de Doutorado. USP. 2010. Disponível em< <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20042010-154846/pt-br.php>>

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia**. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

PETIT, M. Construir-se a si próprio. In: _____. **Os jovens e a leitura**. São Paulo: 34, 2010. p. 76-78.

Projeto Trocando Histórias estimula a leitura terapêutica. **Universidade Tiradentes**, Aracaju, 20 de janeiro. de 2023. Disponível em:<<https://portal.unit.br/blog/noticias/projeto-trocando-historias-estimula-a-leitura-terapeutica/>>. Acesso em: 29 de maio. de 2023.

RIBEIRO, Gizele. Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas v.3, n. 2, p. 112-126, jan./jun. 2006.

Russell, D. H. (1964). **Psychology and literature**. College English, 25(7), 551-553.

SAMPAIO, L. B. P.; BITTENCOURT, M. I. G. D. F. Psicanálise e literatura: Thomas Ogden e a poesia de Robert Frost. **Subjetividades**, Fortaleza, v. 16, n. 2, p. 71-82, 2016. DOI: [https:// doi.org/10.5020/23590777.16.2.71-81](https://doi.org/10.5020/23590777.16.2.71-81).

SANTOS, R. C. D.; SANTOS, J. C. D.; SILVA, J. A. D. **Psicologia da literatura e psicologia na literatura. Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 4, p. 767-780, 2018. DOI: <https://doi.org/10.9788/TP2018.2-09Pt>

SHRODES, Caroline. **Bibliotherapy: a theoretical and clinical-experimental study**. 1949. 344 f. Dissertation (Doctor of Philosophy in Education) – University of California, Berkeley.

SILVA, Caroline Patrícia Parra Gomes da. **A menina que roubava livros: Liesel e a aprendizagem da leitura**. 2015. 115 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2015.

MATOS, E. M.; MUGGIATII, M. **Pedagogia Hospitalar**. Curitiba: Champagnat, 2001.

VIEIRA, Larissa. Conheça o clube de leitura para idosos sediado em Ribeirão Preto, SP, que é finalista do Prêmio Jabuti. **G1**, São Paulo, 23 de novembro. de 2022. Disponível em: <[Conheça o clube de leitura para idosos sediado em Ribeirão Preto, SP, que é finalista do Prêmio Jabuti | Ribeirão Preto e Franca | G1 \(globo.com\)](#)>. Acesso em: 24 de maio. de 2023.

ZUSAK, Markus. **A menina que roubava livros**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2013. 382 p.

CÂMARA DOS DEPUTADOS
PROJETO DE LEI Nº 4186 DE 2012
(Do Sr. Giovanni Cherini)



Dispõe sobre o uso da biblioterapia nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados do Sistema Único de Saúde – SUS.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre o uso da biblioterapia nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados do Sistema Único de Saúde – SUS.

Art. 2º A biblioterapia integra o conjunto das ações de saúde oferecidas pelo SUS.

§1º Os materiais de leitura com função terapêutica só poderão ser prescritos e vendidos para os fins estabelecidos nesta Lei após autorização do Ministério da Saúde.

§2º A autorização de que trata o §1º deverá considerar a eficácia terapêutica da obra.

§3º Das obras autorizadas pelo Ministério da Saúde para biblioterapia constará o número da autorização seguido do selo “RECOMENDADO PELO MINISTÉRIO DA SAÚDE”.

Art. 3º Os familiares do paciente, mediante recomendação médica, também poderão receber a prática terapêutica biblioterápica nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados no Sistema Único de Saúde.

Art. 4º Fica autorizada a venda de obras biblioterápicas em farmácias, drogarias e livrarias.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

ANEXO

JUSTIFICAÇÃO

A Biblioterapia não é uma técnica atual. O uso da leitura com fim terapêutico vem da Idade Antiga. Registros mostram que, no antigo Egito, as bibliotecas eram vistas como locais de conhecimento e espiritualidade. Os gregos também associavam os livros ao tratamento médico e espiritual, concebendo suas bibliotecas como “a medicina da alma”.

Em 1802, pesquisadores já recomendavam a leitura como terapia para doentes de um modo em geral e, em 1810, passou a recomendar como apoio à psicoterapia para crianças, adolescentes, adultos e idosos que estivessem com problemas referentes à depressão, conflitos internos, medos e fobias relacionados a doenças graves.

A partir do século XX as práticas biblioterapêuticas começaram a disseminar-se, inicialmente nos EUA, a partir dos profissionais das bibliotecas hospitalares, começando a despertar o interesse e a curiosidade dos profissionais da área, posteriormente, alastrando-se por toda a Europa.

Durante muito tempo a biblioterapia foi utilizada em hospitais sob orientação de profissionais da área da saúde, passando a partir de 1904, a ser considerado também como um ramo da Biblioteconomia (PEREIRA, 1989). Hoje, vem sendo desenvolvida por equipes interdisciplinares com constante participação dos bibliotecários, psicólogos e médicos, sendo no Brasil, as Regiões Sul e Nordeste as que concentram os maiores índices de aplicabilidade biblioterapêutica.

A aplicação da Biblioterapia em pacientes adultos internados em unidades hospitalares tem como pretensão proporcionar uma internação menos dolorosa e agressiva, humanizando o tratamento hospitalar.

São vários os projetos desenvolvidos envolvendo a prática terapêutica de biblioterapia no país, sendo um exemplo a ser copiado o desenvolvido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2001, que utilizou os recursos da Política Nacional de Incentivo à Leitura, para reunir uma gama de profissionais dos cursos de letras, psicologia e medicina, no objetivo de aplicação da biblioterapia nas pediatrias dos hospitais de Porto Alegre e de Joinville. O resultado deste trabalho, foi 37 a redução, estatisticamente comprovada, da insônia, resgate do lúdico, alívio das dores e dos medos advindos da doença e do ambiente hospitalar.

Diante desse contexto, e do amplo aparato acadêmico internacional, afirmando a eficácia desta terapia no ambiente hospitalar, alcançando cura ou minimização dos sintomas de até 80%, vemos como uma necessidade premente a adoção desta terapia no Sistema Único de Saúde, fornecendo ao cidadão brasileiro práticas modernas para tratamento da depressão e humanização do ambiente hospitalar.

Para sanar esta lacuna, e em conformidade com as orientações da Organização Mundial de Saúde quanto à inserção de métodos tradicionais e alternativos complementares nos sistemas nacionais de saúde, espero o apoio dos ilustres pares na aprovação do presente projeto.

Sala das sessões, 2012
Deputado Giovani Cherini